

HISTÓRIA DA ARTE: da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 17

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

*Atemporalidade e
Desterritorialização.*

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ARTE
VISUAL
ensino**

No Tópico anterior foram tratadas questões de Técnica e Tecnologias. Este é o Tópico final da disciplina deste semestre. A ideia é fazer uma espécie de síntese do que foi tratado nos tópicos anteriores e, ao mesmo tempo, destacar aspectos que podem ajudar no entendimento do que se considera Arte Contemporânea. Obviamente que esta síntese não tem a pretensão de ser uma lição sobre leitura, já que a complexidade das manifestações atuais não o permitem, mas pretende auxiliar a apreensão de Sentido nas Obras de Arte.

Embora este Tópico seja o de encerramento da disciplina, não é a finalização, mas um começo.

As várias questões apresentadas fazem parte de um percurso empreendido, como um mapa, para facilitar a compreensão e o domínio sobre as manifestações da Arte Visual no tempo atual. Muitos outros serão necessários, alguns ainda serão dados durante o curso e outros na vida profissional de cada um.

Boa sorte e sucesso em suas carreiras.

O conteúdo proposto para esta disciplina, como exposto no primeiro Tópico, se refere às últimas décadas do século XX e às primeiras do século XXI. A condução do programa privilegiou a análise e a crítica sobre as manifestações artísticas e não apenas o percurso teórico temporal.

Para a humanidade ou para o contexto da Arte Visual, como parte da cultura e da sociedade, não é um período significativo, portanto, ainda é cedo para tentar estabelecer um conjunto de características que possam “representar” ou traduzir o que é a Arte no Período Contemporâneo.

As tentativas se mostram com busca de tendências e possibilidades que auxiliem a compreensão e entendimento dos modos utilizados pelos produtores de Arte no tempo atual para idealizar, elaborar e construir suas manifestações em diálogo com sua época.

Como disse, ao longo destes tópicos, há uma Vigência Cultural, ou seja, uma pertinência ou pertença relacionada aos modos de pensar e fazer Arte que corresponde ao tempo em que ela é realizada.

Neste sentido a Arte produzida numa dada época corresponde ao seu tempo. Mas não é um espelho ou uma reprodução *ipsis literis* do que está à sua volta, mas um continuo diálogo com o seu tempo e lugar. Por isto e nem sempre ela é entendida ou aceita literalmente no tempo em que se manifesta, em geral, ela também luta contra o *status quo*, com hábitos, costumes, modelos ou formas com as quais a sociedade já se habituou.

Muitas vezes gera estranhamento, conflitos e negação colocando em dúvida sua Validade Cultural. Contudo é importante admitir, mesmo com dúvidas de caráter estético ou conceitual, que a Arte que se faz agora é a Arte deste tempo e lugar. Talvez ainda não se tenha segurança suficiente para entender e aceitar o que se faz agora como algo pertinente ao contexto cultural vigente, mas paciência que se chega lá.

Embora ainda seja cedo, em termos históricos, para estabelecer um panorama seguro de como a Arte atual corresponde ao tempo atual, pode-se tentar inferir algumas características das manifestações contemporâneas para compreender melhor o que fazem os artistas hoje em dia. Se o que fazem hoje permanecerá por quanto tempo ou se será entendido como características desse tempo, é cedo dizer, mas vale a pena tentar.

Como disse também no decorrer destes Tópicos, as manifestações artísticas contemporâneas são devedoras das manifestações anteriores. A Arte se manteve presente em todas as épocas na maioria das civilizações, logo, é impossível separá-la da sociedade e da cultura de todos os tempos e lugares, portanto o diálogo temporal, cultural e geográfico está presente em muitas das manifestações que surgem hoje em dia.

Não se pode estabelecer categorias ou “caixas estanques” onde uma manifestação não dialogue, tenha ou faça referência a outras. Há mutualidade e multiplicidade nas manifestações artísticas, independente de épocas ou lugares.

Marcadamente a Arte do chamado período Pós-Moderno adotou a postura de romper com as periodizações históricas e instaurar um diálogo atemporal e desterritorializado. Assim a primeira tendência aqui abordada é esta.

***Atemporalidade e
Desterritorialização.***

Obviamente a realidade, tampouco a física ou a cultura, admitem a ausência ou inexistência de tempo ou lugar.

Neste sentido o que significa falar disso em Arte?

Como abordei questões singulares em vários dos tópicos aqui apresentados, vou continuar nessa tendência de provocar reflexões críticas e analíticas em torno das manifestações artísticas.

A compreensão mais simples do tempo cronológico é a relação entre o antes e o depois. Há algo anterior ao agora e algo que irá se constituir após o agora, portanto uma espécie de fluxo linear contínuo que pode ser medido, ou seja, “datado”. Por outro lado há o tempo físico, astronômico, que mede a passagem desse tempo na rotação da terra no seu próprio eixo e na sua translação em torno do sol.

Portanto há um tempo da memória, histórico, e um tempo mecânico. O tempo histórico é marcado por períodos estimados em ocorrências civilizatórias a partir de vestígios, associados ao tempo mecânico, cronografado a partir do giro da terra em seu eixo e medido em segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos, milênios. Assim intui-se a idade da terra, do sistema solar e também da presença humana na terra e suas transformações sociais, culturais e econômicas.

O território é um lugar que pode ser identificado, medido, localizado mediante fronteiras geográficas definidas por mares, rios, montanhas ou, contemporaneamente, por meio de um GPS – Sistema de Posicionamento Global.

Portanto tempo e espaço/território, são conceitos bem definidos pouco voláteis. Contudo a Arte pode reoperá-lo em benefício da criação, expressão e proposição.

Tal aspecto se deve, em parte, a questão da Globalização, por meio da qual se subverte as identidades locais em troca de uma identidade global que não visa necessariamente a cultura, mas a massificação e o consumo, típico da sociedade capitalista atual. A Pós-Modernidade se refere ao aspecto cultural da sociedade pós-industrial como um conjunto de valores que norteiam a produção cultural. Neste sentido retirar o tempo histórico e a pertinência territorial das Obras de Arte é uma atitude propositiva e não a negação da história ou da física.

Entre estes, a multiplicidade, a fragmentação, a perda de referencia e a entropia que se mostra pela aceitação de todos os estilos e estéticas, a inclusão de todas as culturas como mercados consumidores. O modelo pós-industrial de produção, privilegia serviços e informação sobre a produção material, a Comunicação e a Indústria Cultural se tornam fundamentais na difusão de valores e ideias. A quebra da linearidade tradicional possibilita a transitoriedade entre o antigo e o novo, logo a história é irrelevante e as apropriações podem ocorrer no tempo e espaço.

Exemplos de quebra temporal e territorial podem ser as apropriações culturais de artistas como Jeff Koons que toma da Grécia “Vênus”, 2016-20:



Ou da série Gazing Balls, na qual são reproduzidas fielmente obras de vários artistas do passado acrescidas apenas de bolas reflexivas azuis:



Adriana Varejão, artista brasileira, se apropria da herança colonial da azulejaria portuguesa na elaboração de suas obras.



Muitos outros exemplos podem ser citados, inclusive muitos artistas da Pop Art usavam as apropriações da mídia, da história e da cultura para elaborar suas obras.

A Indústria Cultural opera sob esta ótica e reproduz referências de domínio público para efetivar a comunicação com o público. Andy Warhol foi um dos artistas que usou e abusou desta estratégia em suas produções.

O uso da imagem da atriz americana Marilyn Monroe, um ícone da cultura midiática cinematográfica americana, se tornou um ícone da Art Pop.



***Superlativa, Absoluta e
Sintética.***

Na língua culta, o adjetivo pode ter graus que se referem ao nível de qualidade, pode ser comparativo quando uma coisa é melhor ou pior que outra, pode ser superlativo quando uma coisa supera outra. Neste sentido uso esta relação ao considerar que uma das características da Arte atual é investir pesadamente ou superlativamente em aspectos como: dimensão, mediatização, valoração e personalização.

Tais aspectos se tornaram “*importantíssimos*”, para usar um *adjetivo superlativo absoluto sintético*, como características recorrentes nas últimas décadas e parece que não irão arrefecer daqui para a frente.

Dimensão se refere ao tamanho que algumas obras assumem como uma estratégia de presença e visibilidade, criando uma espécie de valor que extrapola a própria questão estética ou artística, pois não é necessariamente o porte que importa, mas a proposição em si.

Mediatização se refere à intensidade com que muitas obras ocupam espaços na mídia de comunicação de massa, seja por conta de suas qualidades estéticas e artísticas ou simplesmente por provocarem polêmicas mobilizadoras da opinião pública com o sensacionalismo que certos artistas, obras, situações ou circunstâncias provocam.

Valoração não se refere às qualidades estéticas ou artísticas, mas aos altos valores pagos por algumas obras no contexto atual.

Personalização se refere ao grau de individualização que certos artistas adotam ou como são reverenciados no contexto midiático por suas singularidades e/ou excentricidades, tornando-se uma espécie de *Performer* independente de suas obras.

Tais características ajudam a identificar certas tendências que têm surgindo na Arte atual e talvez permaneçam por alguns anos.

Os aspectos e/ou características ou qualidades aqui apontadas podem ser entendidas como potenciais de presença da Arte Visual no contexto contemporâneo atual.

Não significa que todas elas as possuam ou que sejam traços marcantes da Arte atual, são apenas indicadores, sintomas, para serem observados na construção de um olhar mais criterioso, analítico ou crítico sobre as manifestações artísticas atuais em busca de sua compreensão e conhecimento.

Já me referi ao aspecto dimensional em manifestações artísticas contemporâneas. Neste caso, volto a elas para exemplificar esta tendência.

Um dos artistas atuais que trabalha com dimensões superlativas é Anish Kapoor. Artista indu-inglês. Basta observar a relação de proporção entre as pessoas e as obras nas imagens.



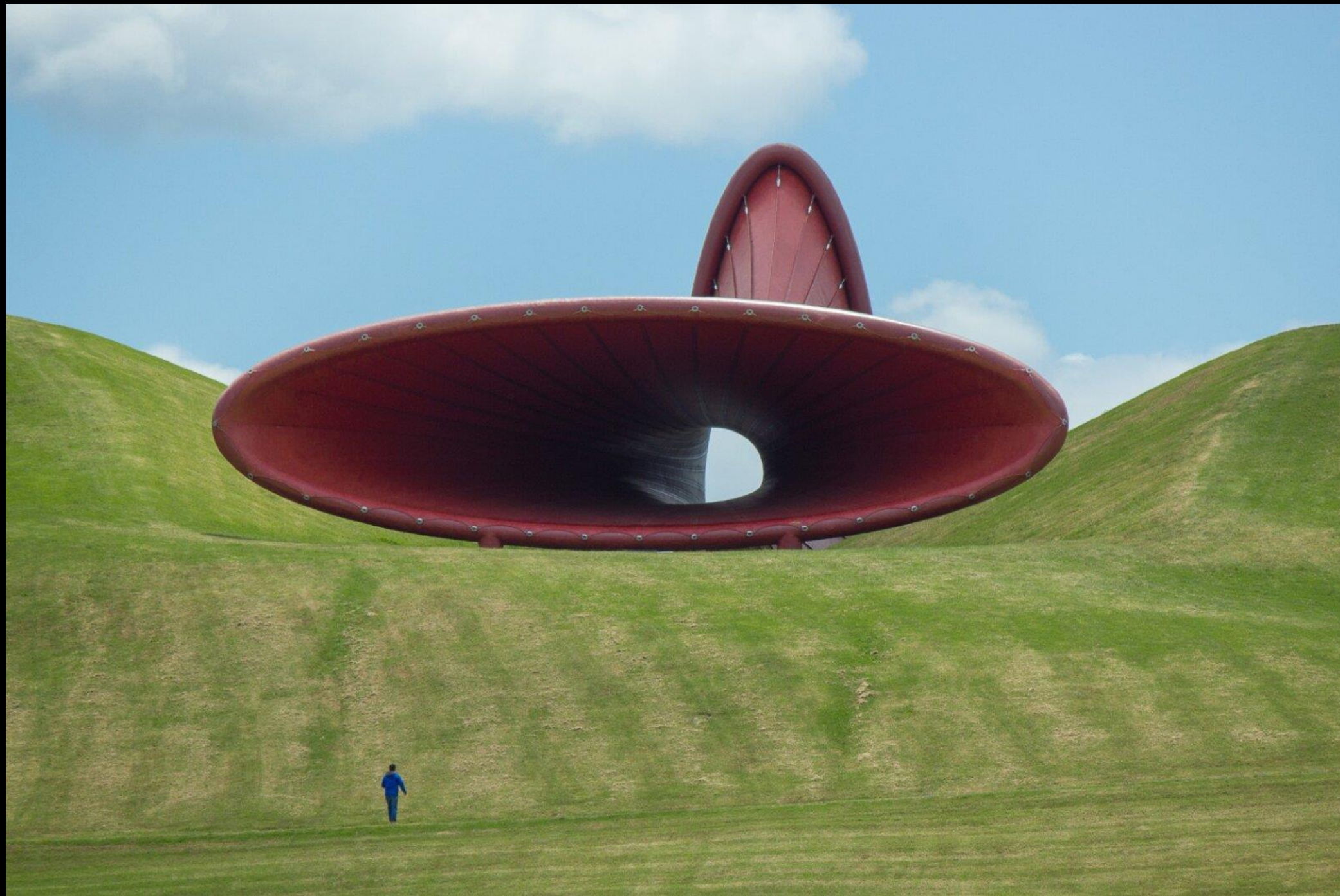
Anish Kapoor. Orbital, 2012. Parque Olímpico, Londres.



Dismemberment, Site 1. Anish Kapoor, parque de esculturas Gibbs Farm, Nova Zelândia.



Dismemberment, Site 1. Anish Kapoor, parque de esculturas Gibbs Farm, Nova Zelândia.



Dismemberment, Site 1. Anish Kapoor, parque de esculturas Gibbs Farm, Nova Zelândia.



Cloud Gate, Anish Kapoor, Millennium Park, Chicago. EEUU.

***Incômoda, Desafiadora,
Inquisidora.***

Não se pode dizer que a Arte atual seja conformada, pacífica e estável, ao contrário, muitas manifestações se posicionam no enfrentamento de questões sociais relevantes: a exclusão social, o racismo, a intolerância sexual, religiosa, política, cultural e tantas outras fontes de mazelas que a sociedade exerce por meio de processos de repressão e opressão são reveladas, denunciadas e combatidas no contexto da Arte atual.

Se de um lado existem manifestações conformadas ao sistema buguês-capitalista, de outro há manifestações que não se conformam e não se submetem a este modelo.

Não quero dizer que uma ou outra deva ser condenada por um ou outro motivo, mas que tanto uma quanto outra tem espaço de existência no contexto da Arte atual, para lamento dos conservadores e regozijo dos progressistas. Um dos exemplos mais significativos é o do coletivo artístico Guerrilla Girls.

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso

Não ter que participar de exposições com homens

Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer

Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos

Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina

Não ficar presa à segurança de um cargo de professor

Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros

Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade

Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos

Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova

Ser incluída em versões revistas da história da arte

Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio

Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila



As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?

Apenas 6% dos artistas do acervo em exposição são mulheres, mas 60% dos nus são femininos.

Estadísticas do Museu de Arte de São Paulo, 2017

GUERRILLA GIRLS CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE
guerrillagirls.com

THESE GALLERIES SHOW NO MORE THAN 10% WOMEN ARTISTS OR NONE AT ALL.

Blum Helman
Mary Boone
Grace Borgenicht
Diane Brown
Leo Castelli
Charles Cowles
Marisa Del Re
Dia Art Foundation
Allan Frumkin

Marian Goodman
Pat Hearn
Marlborough
Oil & Steel
Pace
Tony Shafrazi
Sperone Westwater
Edward Thorp
Washburn

1985
A PUBLIC SERVICE MESSAGE FROM **GUERRILLA GIRLS**
CONSCIENCE OF THE ART WORLD

THESE GALLERIES SHOW NO MORE THAN 20% WOMEN ARTISTS OR NONE AT ALL.

Mary Boone
Gagosian
Sandra Gering
Marian Goodman
Casey Kaplan
Paul Kasmin
Marlborough
Matthew Marks
Metro Pictures

Pace
Petzel
Postmasters
Tilton
Venus Over Manhattan
Michael Werner
Sperone Westwater
David Zwirner

2014
A PUBLIC SERVICE MESSAGE FROM **GUERRILLA GIRLS**
CONSCIENCE OF THE ART WORLD

Guerrilla Girls é o coletivo artístico mais polêmico como representante do ativismo feminista no contexto da Arte Visual contemporânea. Neste caso destaca a pouca presença feminina nas mostras de Arte.

WHAT DO THESE ARTISTS HAVE IN COMMON?

Arman
Jean-Michel Basquiat
James Casebere
John Chamberlain
Sandro Chia
Francesco Clemente
Chuck Close
Tony Cragg
Enzo Cucchi
Eric Fischl
Joel Fisher
Dan Flavin
Futura 2000
Ron Gorchov

Keith Haring
Bryan Hunt
Patrick Ireland
Neil Jenney
Bill Jensen
Donald Judd
Alex Katz
Anselm Kiefer
Joseph Kosuth
Roy Lichtenstein
Walter De Maria
Robert Morris
Bruce Nauman
Richard Nonas

Claes Oldenburg
Philip Pearlstein
Robert Ryman
David Salle
Lucas Samaras
Peter Saul
Kenny Scharf
Julian Schnabel
Richard Serra
Mark di Suvero
Mark Tansey
George Tooker
David True
Peter Voulkos

THEY ALLOW THEIR WORK TO BE SHOWN IN GALLERIES THAT SHOW NO MORE THAN 10% WOMEN ARTISTS OR NONE AT ALL.

SOURCE: ART IN AMERICA ANNUAL 1984-5

A PUBLIC SERVICE MESSAGE FROM **GUERRILLA GIRLS**
CONSCIENCE OF THE ART WORLD

O que estes artistas têm em comum? Eles permitem expor seus trabalhos em galerias que mostram menos que 10% ou nenhuma mulher artista.

WHEN RACISM & SEXISM ARE NO LONGER FASHIONABLE, WHAT WILL YOUR ART COLLECTION BE WORTH?

The art market won't bestow mega-buck prices on the work of a few white males forever. For the 17.7 million you just spent on a single Jasper Johns painting, you could have bought at least one work by all of these women and artists of color.

Bernice Abbott
Anni Albers
Sofonisba Anguisolla
Diane Arbus
Vanessa Bell
Isabel Bishop
Rosa Bonheur
Elizabeth Bougereau
Margaret Bourke-White
Romaine Brooks
Julia Margaret Cameron
Emily Carr
Rosalba Carriera
Mary Cassatt
Constance Marie Charpentier
Imogen Cunningham
Sonia Delaunay

Elaine de Kooning
Lavinia Fontana
Meta Warwick Fuller
Artemisia Gentileschi
Margu rite Gérard
Natalia Goncharova
Kate Greenaway
Barbara Hepworth
Eva Hesse
Hannah Hoch
Anna Huntingdon
May Howard Jackson
Frida Kahlo
Angelica Kauffmann
Hilma of Klimt
Kathe Kollwitz
Lee Krasner

Dorothea Lange
Marie Laurencin
Edmonia Lewis
Judith Leyster
Barbara Longhi
Dora Maar
Lee Miller
Lisette Model
Paula Modersohn-Becker
Tina Modotti
Berthe Morisot
Grandma Moses
Gabriele M nter
Alice Neel
Louise Nevelson
Georgia O'Keeffe
Meret Oppenheim

Sarah Peale
Ljubova Popova
Olga Rosanova
Nellie Mae Rowe
Rachel Ruysch
Kay Sage
Augusta Savage
Vavara Stepanova
Florine Stettheimer
Sophie Taeuber-Arp
Alma Thomas
Marietta Robusti Tintoretto
Suzanne Valadon
Remedios Varo
Elizabeth Vig e Le Brun
Laura Wheeling Waring

Please send \$ and comments to:

Box 1056 Cooper Sta. NY, NY 10276

GUERRILLA GIRLS CONSCIENCE OF THE ART WORLD

Quando racismo e sexismo não estiverem mais na moda, quanto valerá sua coleção de Arte? Aponta que o mercado não vai manter para sempre os altos preços pagos aos artistas masculino e que o valor pago a uma obra artista masculino poder ia comprar pelo menos um trabalho de uma artista mulher ou negra da relação.

Com o olhar no futuro.

As tecnologias contemporâneas proporcionam estratégias criativas e propositivas sem igual na história pregressa.

Os recursos eletrônicos, computacionais, digitais e em rede abriram caminhos que ainda não são totalmente abertos no sentido de não estarem ainda incorporados na cultura e no diálogo artístico com os modos usuais de realização artísticos. Quero dizer que ainda temos mostras e exposições convencionais.

Intervenções espaciais que ainda operam com os materiais, recursos e processos analógicos. Muitas obras ainda permanecem corporificadas em objetos e presentes nos espaços e ambientes usuais como galerias, museus e no ambiente urbano. Por mais que as tecnologias digitais tenham avançado ainda são incipientes. Vale olhar um pouco para aquelas que se organizam a partir de estratégias coletivas, digitais e em rede pois há muito que pensar daqui para a frente.

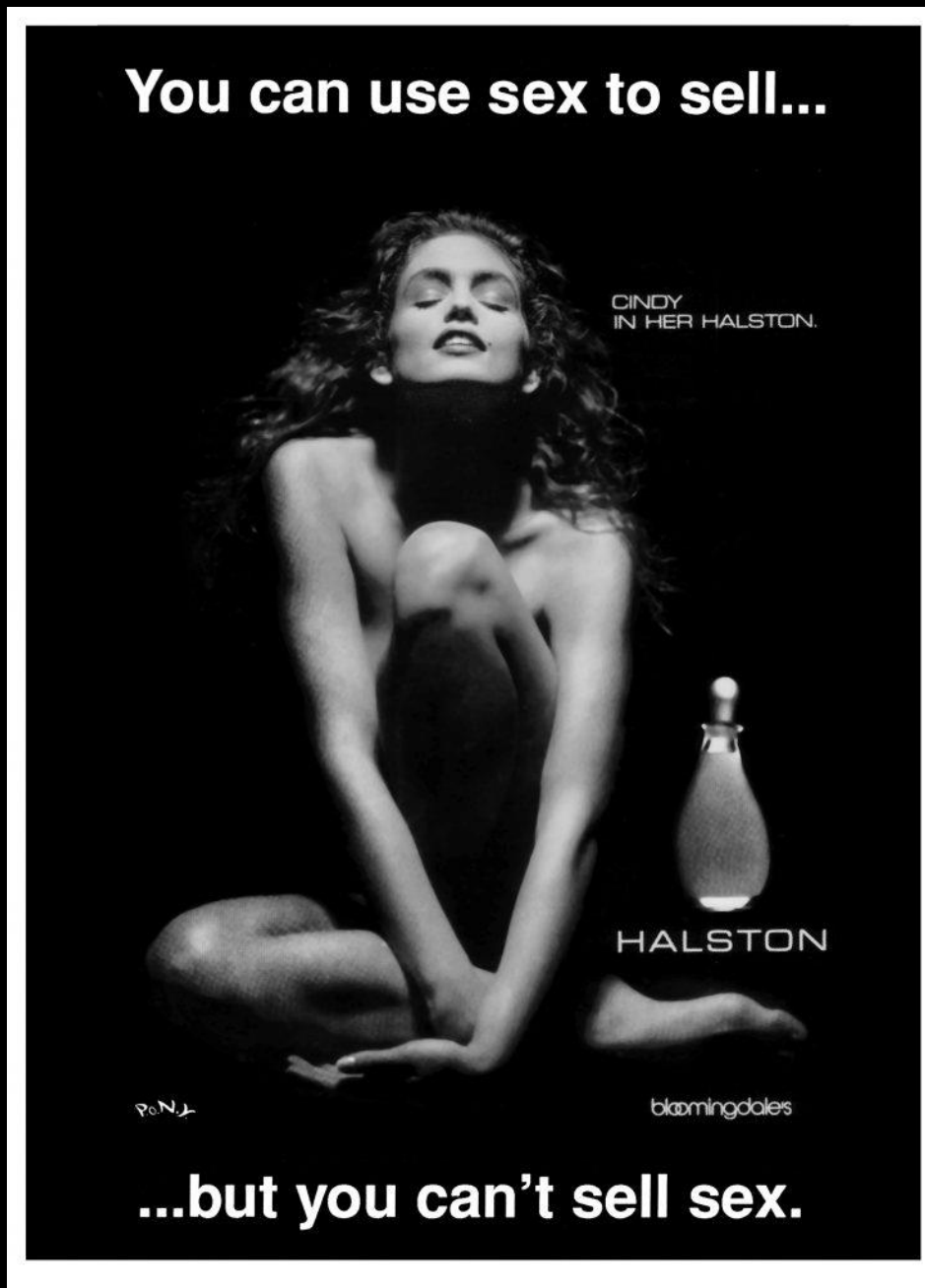
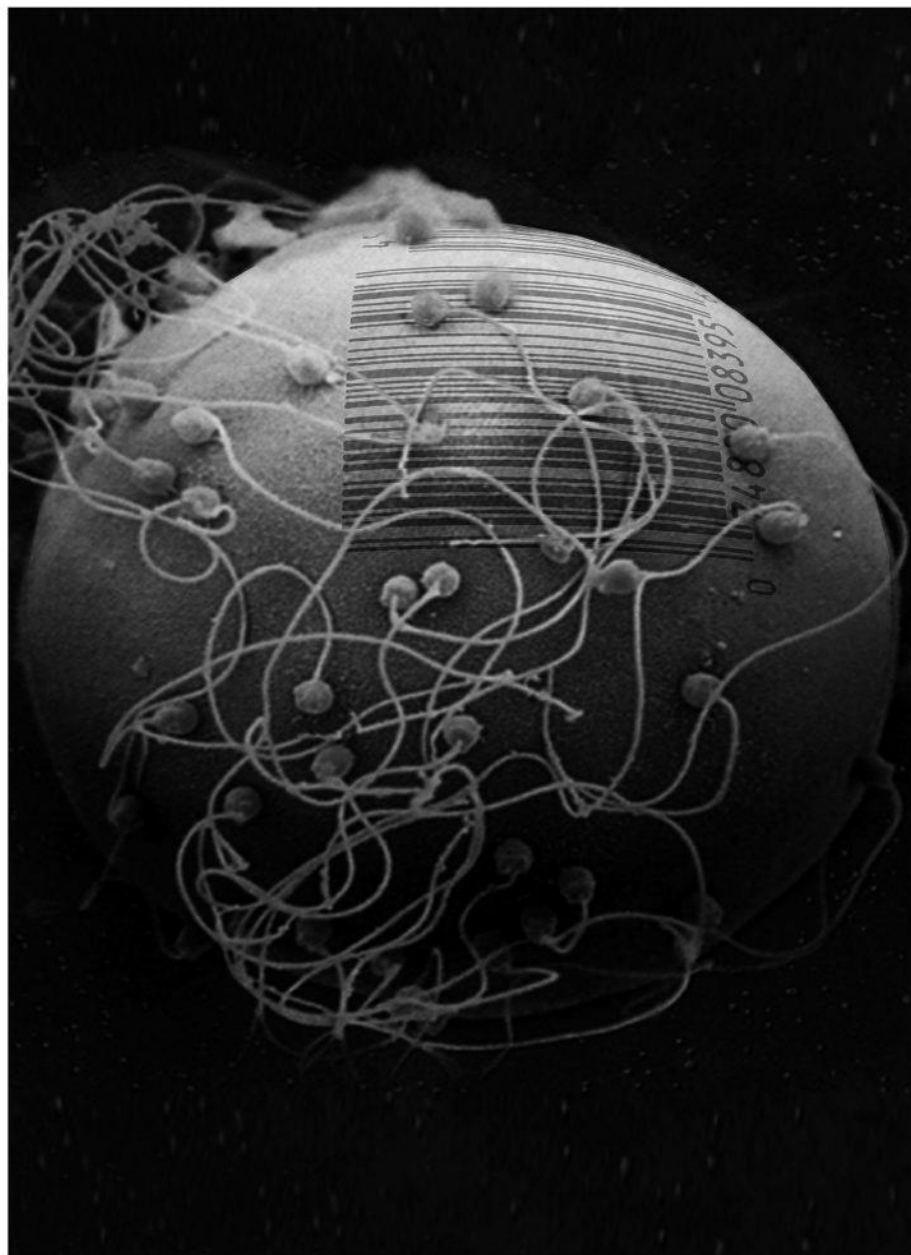
Um dos coletivos que usa recursos midiáticos, digitais e em rede é o grupo *Critical Art Ensemble*. Formado em 1987, o foco do CAE tem sido a exploração das interseções entre arte, teoria crítica, tecnologia e ativismo político. Praticantes de mídia tática em meios como computação gráfica e web design, filme / vídeo, fotografia, textos, livros e performances.

Como o coletivo Guerrilla Girls são classificados como Culture Jamming, ou guerrilha cultural por usarem meios midiáticos e digitais para interferir, criticar, chamar a atenção para problemas emergentes na sociedade contemporânea.

Praticam ações como intervenção em outdoors, vídeos de propaganda nociva ou institucional mentirosa, alterando as mensagens. Cria performances para expor atos anti democráticos e outras práticas interventivas.



Em 2018 o grupo lançou o CID - Coletivo de Inteligência Cultural, dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e ações voltadas para o desvendamento de processos de massificação por meio de programas e algoritmos dedicados a obliterar e interferir na estrutura cultural da sociedade comprometendo o futuro.



Posters editados pelo coletivo *Critical Art Ensemble*



**The Only First World Nation
Where Medicine is a Business
And Not a Human Right.**

“A única nação primeiro mundo onde a medicina é um negócio e não um direito humano”.

Estas atividades se assemelham às intervenções urbana como os grafites, lambe-lambes, sticks e outros meios de alteração e ocupação de espaços públicos com o fim de alterar tanto a percepção do ambiente quanto abrir debates sobre diversas questões sociais.

Isto faz parte do Ativismo na Arte Contemporânea, uma das facetas interventivas e conscientizadoras que têm surgido com frequência na sociedade atualmente.

Volto a dizer que estas abordagens se referem a algumas tendências e não cobrem o todo da Arte atual. É um indicativo de percursos e caminhos a serem trilhados para ampliar o conhecimento sobre a Arte Visual na contemporaneidade.

Nestes últimos dois anos, um novo fenômeno vem se revelando no campo da Arte Visual: os NFTs, Cripto Art, filhos mercantis das Cripto Moedas. Vale a pena fechar este tópico com tal reflexão.

Já publiquei textos relacionados a este tema em Reflexões sobre Arte Visual e chamo a atenção para esta nova tendência que vem recorrendo à inserção da tecnologia no campo da Arte Visual a partir das tecnologias digitais que chegaram à *Cripto Art* ou aos NFTs, ganhando força no mercado de Arte. Recentemente um coletivo de artistas queimou uma obra de Picasso, mas antes converteram a imagem em NFT. Independente da incredulidade de muitos, o *fato* ocorreu *de fato*.

O impacto dos fenômenos contemporâneos tendem a levar muitos à indignação ou à incompreensão, mas isto não exige o estudioso de uma análise contextualizada. Como estudiosos no campo da Arte Visual é necessário entender que faz parte das funções acadêmicas, analisar tais ocorrências sem paixões exacerbadas ou sectarismo intransigente. É preciso estabelecer um contraponto analítico que clareie e ajude a entender o que acontece no contexto sociocultural no qual a Arte Visual está inserida, por isto, não está isenta de sofrer injunções de todo tipo neste contexto.

Ao longo do tempo as manifestações artísticas mobilizam polêmicas e isto é uma característica que tem ampliado nas últimas décadas, seja pelas transformações da produção artística contemporânea ou pela falta de entendimento e compreensão por parte da sociedade. Obviamente sempre que surgem mudanças elas levam a confrontos com o *status quo* que tende a reagir contra as transformações, seja em relação a sociedade ou a respeito da Arte e da Cultura por meio de atitudes duras e eventualmente intransigentes que levam tempo para arrefecer, este é o momento atual.

Sempre que ocorrem quebras de paradigmas, há reações. Ao olhar para trás, na História da Arte Ocidental, é possível identificar reações deste tipo. Quando os modos de fazer Arte mudam de um período para outro há uma tendência a defender e preservar o anterior e combater o novo. Um exemplo disto aconteceu quando os paradigmas da Arte Medieval, mais subjetiva e espiritualizada, mudaram para manifestações mais objetivas, técnicas, naturalistas ao gosto do poder dominante, em geral burguês, que investiu na recuperação da antiguidade clássica greco-romana e instituiu o Renascimento.

Mais recentemente, no século XIX, o advento do Modernismo, cujo marco ou ponto de mudança, aconteceu com as manifestações pictóricas de um grupo de artistas, autodenominado “*Sociedade Anônima de Pintores, Escultores e Gravadores*” que realizou em abril de 1874 uma exposição de suas obras no estúdio do fotógrafo Felix Tournachon, conhecido como Nadar. Esta mostra foi altamente combatida pela crítica vigente cujo epíteto se dá a partir do texto de Louis Leroy que ridiculariza a obra de Claude Monet, “*Impressões do sol nascente*”, de 1872, dizendo que eram mesmo “meras impressões”, sem qualidades técnicas. Assim nasceu o Impressionismo.

A oposição entre a tradição e a inovação caracteriza um estado de ruptura de tendências, estilos e paradigmas. Um paradigma é uma espécie de “modelo” ou “padrão” habitual e vigente ao qual se está acostumado e que, em certos momentos, é confrontado com valores emergentes. É neste sentido que as mudanças causam reações radicais e quase sempre conservadoras. A partir do Modernismo, estes confrontos passam a ser constantes e por isto conflitantes. As transformações decorrentes de novas proposições estéticas e conceituais chocam, mas chegam.

Isto é o que está acontecendo especialmente neste ano, quando as NFTs começaram a invadir um espaço dominado quase que exclusivamente por Obras de Arte materiais, cujo repositório conceitual reside em objetos ou em manifestações no espaço com proposições interventivas, ocupacionais ou performáticas dependentes de objetos ou de registros que atestavam ou corporificam valores estéticos “efetivos” palpáveis ou virtuais, mas que de um modo ou de outro ainda preservavam, em parte, a materialidade do mundo. Isto se quebra completamente com a *Cripto Art* ou *NFTs*. Este é o marco da atual ruptura.

Embora tenha tratado deste tema na publicação anterior, o apelo midiático causado pela “Queima de Picasso”, me leva a retomá-lo, então vou usar boa parte dos argumentos que utilizei no texto anterior, considerando que, naquele momento, abordava a questão por meio da inserção da tecnologia na Arte Visual e agora o confronto entre o desaparecimento definitivo da corporeidade de uma Obra de Arte e sua transposição integral para o mundo “virtual”. Não há mais materialidade física ou palpável, as ocorrências não são “documentáveis” no tempo ou espaço que ampare sua existência.

Esta pequena digressão histórica foi necessária para pontuar como certas transformações estéticas ocorreram no contexto da Arte para abordar o “ponto nevrálgico” e incendiário da questão. Sempre há “desconfiança” quando um processo tecnológico se aproxima da Arte e aí surgem controvérsias, defensores e detratores se armam de justificativas para debater, combater, aceitar ou eliminar estas investidas. Há de se convir que, hoje em dia, há muito mais liberdade para que meios tecnológicos sejam aceitos na Arte, já se acostumou com os avanços das tecnologias eletrônicas e computacionais.

Alguns autores já definiram o contexto tecnológico na Arte tomando a imagem técnica como referência, o surgimento da Fotografia marcou períodos como Pré-Fotográficos, Fotográficos e Pós-Fotográficos. Tal classificação, pouco reconhecida na história, ajuda a pontuar o percurso das imagens chamadas de técnicas e apresentar o contexto das imagens tecnológicas e digitais. As tecnologias computacionais ampliaram tanto as possibilidades de captação, tratamento e edição de imagens e se transformaram em dígitos, virtuais e em rede e nela as coisas acontecem.

Parece inútil discutir se as imagens criadas a partir de aparelhos ou *gadgets* e demais meios tecnológicos e digitais podem ou não ser ou participar da Arte. Isto já está resolvido desde inícios do século XX e confirmado desde seu final. O que se coloca hoje em dia são os novos meios de conceber Arte que ainda não se enquadram em nichos específicos, se é que é preciso ter nichos específicos para cada uma delas... As discussões são mais produtivas em torno de *processos*, *proposições* e *procedimentos* abrindo novos debates em torno da vigência e validade estética do que discutir se uma imagem é ou não Arte.

Neste momento debater o que é ou não Arte e se o Clássico, o Moderno ou o Pós-moderno respondem às expectativas do mundo atual parece não ter mais sentido quando se olha para o contexto e se vê que não só a materialidade desapareceu, mas a virtualidade também vem sendo confinada em sistemas cada vez mais restritivos e exclusivos destinados a investidores e especuladores. Quem sabe o público seja também virtualizado e apenas seus *avatars* tenham a possibilidade de acessar e conviver com Obras de Arte em galerias e museus na rede mundial de computadores.

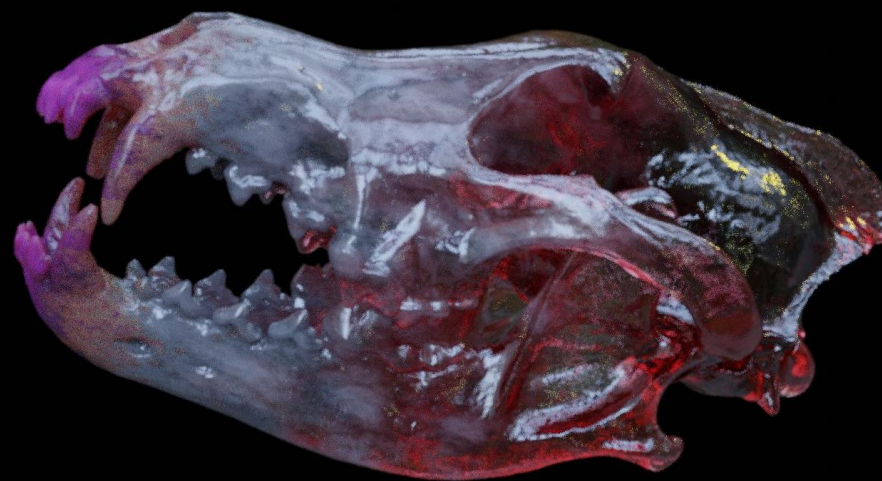
Como já disse em outros tópicos desta disciplina, são muitas as transformações pelas quais a humanidade passou desde o último século e continuam acontecendo neste com toda a velocidade que é praticamente impossível perceber, acompanhar ou prever o que virá. No campo da Arte, o que se pode intuir é que as manifestações artísticas que ocorrem no meio ambiente passaram a ocorrer também no ambiente virtual e quem sabe as mentes humanas possam ser transportadas para ele e viverem lá para sempre. Ficção ou fantasia, pensar um futuro para a humanidade e para a Arte é um bom exercício.

Há temas relevantes para apresentar e abrir discussões sobre eles no contexto da Arte como as questões que lidam com a Robótica, com a Bio Arte, com Cripto Arte e outras tendências contemporâneas. Tais questões definem ou definirão a Arte daqui para a frente. Vale a pena refletir a respeito disto, quem não leu o texto anterior terá partes dele agora. O campo da Robótica, independente do uso destes aparelhos capazes de realizar ações e tarefas programadas na indústria e no sistema produtivo estimulam, por exemplo, pesquisadores e artistas a se dedicarem a experiências artísticas em ambientes e performances.

Pode-se dizer que a Arte Robótica não enfrentou resistências nem um pouco parecidas com as que a Fotografia enfrentou no século XIX. O professor Marc Bohlen, da Universidade de Buffalo (Estados Unidos) é um engenheiro-artista que utiliza robôs como forma de expressão. Entre suas obras estão robôs que convivem com galinhas, plantas robóticas que se movimentam de acordo com o conteúdo de e-mails e outras estratégias como jogos e câmeras de vídeo que monitoram ambientes e situações. Várias pesquisas e experimentos são desenvolvidos atualmente sob este tema.

Outro tema que motiva pesquisas no campo da Arte é o da Bio Arte. Em geral a realização de obras neste campo de experimentação são desenvolvidos em laboratórios e ambientes por meio da Biotecnologia em que podem ser utilizadas engenharia genética e clonagens. Pietro Antonio Bernabei, médico e pintor italiano. Desenvolve, desde 1990, pesquisa artística focada na imagem biológica e nos aspectos funcionais da vida, em busca da contaminação entre Arte e Biologia, um dos primeiros a usar, em 2000, a palavra *Bio-Arte* para definir seu trabalho artístico.

Questões como *Arte Robótica* e *Bio Arte* parecem ser incipientes no contexto da Arte atual, mas há uma tendência forte e que tem obtido o apoio nos ambientes tecnológicos que é a *Cripto Art*. Aqui sim, há uma reorientação nos modos de pensar e produzir Arte em ambientes tecnológicos e uma mudança de paradigmas em relação aos modos anteriores de fazer Arte usando tecnologias amparadas em softwares e nas redes de conexão mundiais como caminho tanto para a produção, difusão e pasmem, quanto a comercialização de Obras de Arte ou melhor, de *Cripto Arte*.



A imagem acima é a obra *Cripto Cranio* do estúdio NOCTVRNAL dedicado a experiências em áudio espacial, imagens e Arte generativas de Los Angeles, Califórnia, EEUU. Cujá apreciação pode ser realizada a partir da conexão com o seguinte endereço:

<https://www.instagram.com/p/CMVnU0pne98/>

Talvez você já tenha ouvido falar em *Cripto Moeda*. É um nome genérico usado para se referir às chamadas Moedas Digitais ou dinheiro virtual mesmo. As moedas digitais são criadas em redes *blockchain* por meio de sistemas avançados de *criptografia* que protegem transações, informações e dados de quem opera com elas. Há várias delas: Bitcoin, Ethereum, Ripple; Litecoin; Bitcoin Cash; EOS; Binance Coin e outras que estão por aí ou vão surgir. Ainda são questionadas quanto à segurança, consistência de valores e efetividade no mundo empresarial e financeiro, mas já existem e funcionam.

A partir das *Cripto Moedas* o passo seguinte foi chegar à *Cripto Art*. O princípio da *Cripto Art* é o mesmo, ou seja: cria-se uma Obra de Arte Digital e a criptografa e a insere no sistema de Arte por meio do mercado. O adquirente recebe o arquivo e senhas de acesso para descriptografá-la, acessá-la, apreciá-la e se for o caso imprimir-la ou prototipá-la. Grandes negociantes de Arte e as casas leiloeiras já estão operando com *Cripto Art*, inclusive realizando transações por meio de *Cripto Moedas*. Tudo digital, os *avatares* estão evoluindo e *Matrix* não parece mais ser apenas ficção. O “*Cripto Mundo*” já chegou...

A Cripto Art depende de uma outra sigla, a NFT - Non Fungible Token, ao pé da letra: símbolo não fungível. Algo não fungível é o que não se gasta, não se consome após o uso, não é passível de substituição por outra coisa de mesma espécie, qualidade, quantidade e valor. Pode-se dizer que é algo “exclusivo” e “único”, ou seja, o sonho de consumo de todo investidor e também colecionadores de Arte. Bem aqui é que as coisas se associam: Cripto Art e NFT. A Cripto Art é uma configuração que pode ser mantida ou acessada por meio virtual ou virtualizada apenas por quem a possui por meio de um NFT.

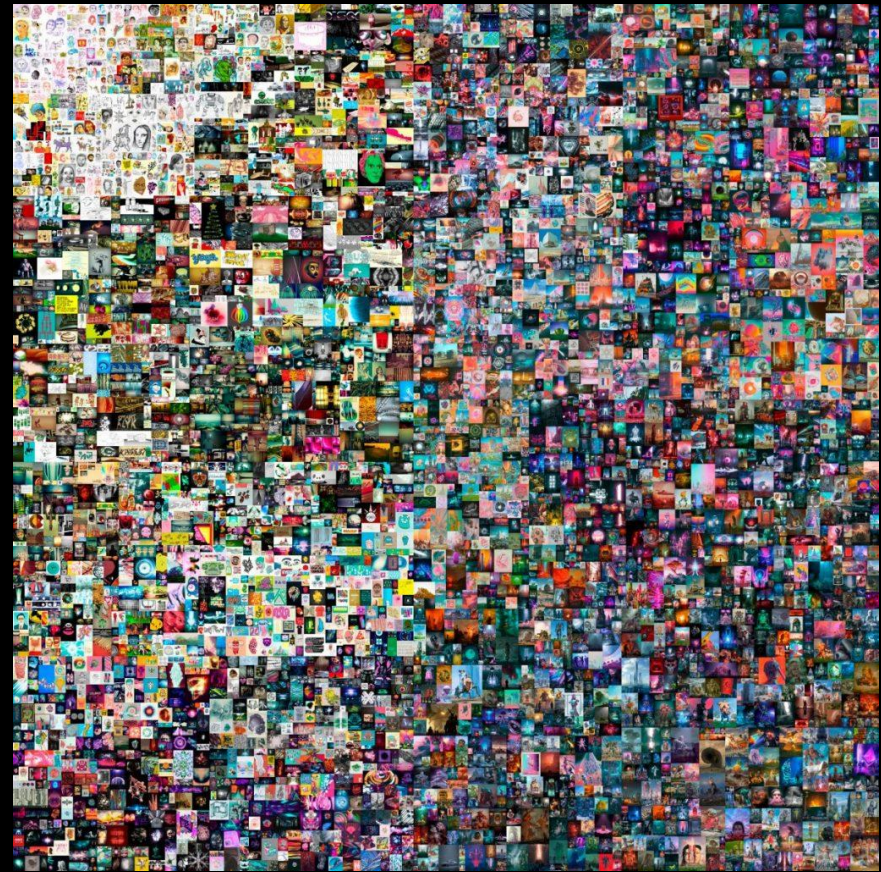
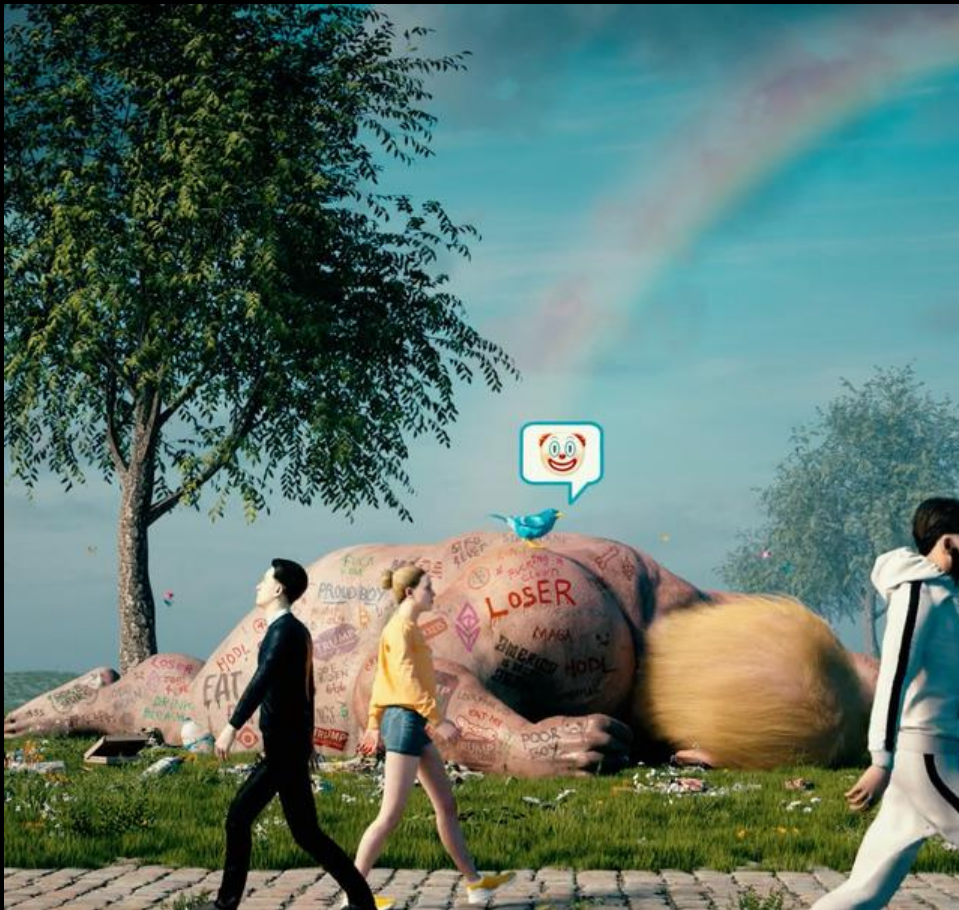
A arte criptográfica depende então de tokens não fungíveis, dos NFTs. A transação e registro de propriedade são criptografados e, por isso, não podem ser duplicados. O trabalho só existe como um arquivo criptografado cuja compra é registrada num *Blockchain*, um sistema de registro de dados em séries imutáveis com data e hora, gerenciados por um grupo de computadores não centralizados. Cada bloco de dados (blocks – blocos) é protegido e conectado ao outro usando criptografia (chain – corrente), ou seja, um “valor” que só existe em rede e não em um lugar físico ou virtual.

Como se sabe, qualquer formato ou extensão de arquivos: *jpg*, *png*, *mov*, *mp4* entre outros são passíveis de reprodução e podem ser repetidos muitas e muitas vezes, sem qualquer controle e o arquivo original se perde neste universo de reprodutibilidade. No entanto, com o registro criptográfico o arquivo não pode ser reproduzido ou modificado e a originalidade é garantida e preservada. Este é o aspecto que agrega valor ao trabalho digital. Quem adquire pode armazenar o arquivo em um *pendrive*, um CD, na nuvem ou em qualquer outro dispositivo, mas o arquivo só será acessado por meio de autenticação.

A Criptografia passa a ser então o valor agregado a estes arquivos que, antes, não eram seguros ou preservados adequadamente. Isto também abriu os olhos dos investidores em Arte, aqui entra o Picasso queimado. Muitos colecionadores compram Obras de Arte apenas como investimento ou para especulação. Manter coleções em residências, galerias, museus ou em sistemas de armazenamento, apresentam alguns riscos de perda ou despesas compulsórias com seguros ou armazenagem, ao passo que Cripto Art ou NFT Art, não precisam de conservação, armazenamento ou seguro, é só felicidade...

2021 é o marco referencial da entrada da Cripto Art no mercado: em fevereiro de 2021, a Christie's anunciou a primeira venda de Cripto Art ou NFT Art oferecendo obras de Beeple, apelido de Mike Winkelmann, um *Net Artist* conhecido das mídias sociais e designer gráfico vinculado a marcas como Louis Vuitton e Nike. A obra anunciada é *Everydays: The First 5000 Days*. Uma colagem digital de 5.000 imagens, feita ao longo de 13 anos, de 2007 a 2021. A edição de Beeple inclui desenhos relativos a eventos atuais, cenas surreais de políticos como Trump e Mao Zedong e desenhos animados com Pokémon e Mickey Mouse.

No dia 22 de fevereiro, antes da Christie's, realizar seu evento uma obra de Beeple foi vendida por US \$6,6 milhões no *Nifty Gateway*, um mercado de criptomoeda online para Arte Digital. De acordo com o *Nifty Gateway*, isso torna a peça de Beeple uma das primeiras obras digitais leiloadas. A obra vendida foi CROSSROADS, projetada como respostas às eleições presidenciais de 2020. De acordo com os resultados seria visto um vídeo com Trump vitorioso ou perdedor. Mas não se aflijam, o leilão da Christie's atingiu US\$ 69,3 milhões, um valor astronômico em seu primeiro leilão de NFT Art.



Acima: Bleep, "Crossroads". A
direita: "*Everydays: The First
5000 Days*", 2021, ao lado e
abaixo, detalhes da obra:



Dá para perceber que as obras de Cripto Arte ou NFT Art está no mesmo nível do que as Cripto Moedas. Aqui sim, há um novo paradigma para os debates em torno da Arte Contemporânea. Agora não há necessidade de objetos, ambientes, instalações, performances ou qualquer intervenção ou ocupação do espaço físico, basta o ambiente virtual das redes ou nem eles, já que as Cripto Art só existem em arquivos digitais criptografados. Só quem as possui as detém, tanto para sua própria apreciação quanto, talvez, para divulga-las e provocar inveja dos reles mortais ou simplesmente mantê-las para negociação.

Damien Hirst, um dos magos ou Midas da Arte Mercantil Contemporânea já se dispôs a negociar sua última série de oito gravuras, intitulada *The Virtues* em criptomoedas, Bitcoin (BTC) e Ether (ETH). Provavelmente logo lançará suas próprias obras em Cripto ou NFT Art. É de se esperar que outros artistas como Jef Koons, por exemplo, sigam esta tendência. Seria uma bobagem ignorar este fenômeno pois ele vem com toda a força das tecnologias e do mercado digital num mundo em que o dinheiro deixou de ser ouro, papel, cartão e se tornou ilusão codificada...



Damien Hirst, *"The Virtues"*.

Nesta linha de produção criptoartística o Laboratório UCCA, uma divisão do Centro de Arte Contemporânea UCCA, instituição independente de Arte Contemporânea da China, com sede em Pequim, anunciou "*a primeira grande exposição institucional de criptoarte do mundo*" intitulado *Virtual Niche - Você já viu memes no espelho?* A mostra reuniu obras de mais de 60 *criptoartistas*. Teve a curadoria do CEO da BlockCreateArt, Sun Bohan, e co-hospedada pelo Digital Finance Group e Winkrypto. Isto mostra que esta tendência tem sido muito aquecida nos últimos anos. Não se sabe se é uma bolha ou fluxo, mas vale a pena observar.

Também vale a pena visitar o espaço virtual da UCCA:

https://ao.wikiube.net/wiki/UCCA_Center_for_Contemporary_Art

Entre os artistas participantes, o já citado Bleep e outros como Robbie Barrat, Pak (anônimo). Para saber mais há uma listagem riquíssima em: <https://cryptoart.io/artists> na qual é possível acessar artistas do mundo todo, ver suas obras, inclusive compra-las, caso tenha coragem e estofio financeiro para tanto. No acesso que fiz, até aquele momento, haviam 6.362 artistas cadastrados. Nada desprezível para algo novo.



Exemplos como “*Common Daemoniator*”, 2020. Imagem via underdestruction.com. Mario Klingemann, também conhecido por *Quasimondo*, trabalha com redes neurais, código e algoritmos. Interessado em inteligência artificial, aprendizado profundo, arte generativa e evolutiva, arte glitch, classificação e visualização de dados ou instalações robóticas, busca a compreensão, questionamento e subversão do funcionamento interno de sistemas de qualquer tipo.



Outro exemplo é Benjamin Gentili é um artista de Londres, dono do projeto Robert Alice, cujo objetivo é promover a cultura do *blockchain* em Arte Visual. *Portraits of a Mind* é a primeira obra de arte do projeto e foi vendida na Christie's por 131.250 dólares em outubro de 2020, atingindo mais de 7x seu valor estimado de 18k. A obra é composta por um objeto físico e um NFT colecionável - um disco físico inscrito com 322.048 dígitos, alguns dos quais destacados em ouro, irradiando para fora do vazio central e NFT que é uma recriação do objeto físico, programado para ser visível apenas durante o dia no local onde a obra estiver.

Bem, acredito que a apropriação de meu texto anterior tenha ajudado a entender a questão dos NFTs ou da Cripto Art, volto ao atual: ao Picasso Incinerado. Este evento foi resultante de um projeto intitulado “*The Burned Picasso*” (O Picasso Queimado, em tradução literal), foi idealizado e realizado pelo grupo *Fractal Studios* que queimou a obra *Fumeur V*, uma gravura de Picasso, editada em 1964. Antes de ser “incinerada” foi transformada em NFT. O objetivo do grupo é fazer a obra “viver para sempre” no blockchain. Para entender melhor é necessário abordar também questões conceituais e legais.

A primeira delas se refere à concepção de que uma Obra de Arte física ou material deve ser preservada e conservada a qualquer custo, bem isto não é indiscutível nem incomum. Exemplos podem ser tomados a partir da performance de Ai Weiwei, artista contemporâneo, que destrói, em 1995, uma peça cerâmica da dinastia Han sem dó nem pudor ou, em 2007, quando aplica a logomarca da Coca-Cola em vaso da tradição cultural chinesa destituindo seu caráter tradicional e negando os valores do passado como determinantes dos valores do presente ou se apropriando de banquetas artesanais da dinastia Qing em “Grapes”, 2010.



Ai Wei Wei e
seus atos
iconoclastas
colocam em
cheque a
tradição ou
valores
arraigados
na cultura.



Ao que parece, tudo começou em 1953 com “*Erased De Kooning*” quando Robert Rauschenberg apagou um desenho de Willen de Kooning. Rauschenberg ao visitar De Kooning, expõe sua proposição de lidar com o “vazio” e a intenção de obter uma de suas pinturas para poder *apaga-la*, literalmente: destruí-la. De Kooning, aceita a proposta e doa um de seus trabalhos feito com uma combinação de lápis cera, tinta, carvão e grafite, Rauschenberg leva quase dois meses para o apagar completamente. Dai nasce a obra “*Desenho de Kooning apagado*”, 1953, de Robert Rauschenberg. Este é um dos primeiros acontecimentos propositalmente destrutivos na Arte Contemporânea.



Nada da obra original restou após o apagamento e não havia qualquer registro anterior da obra de De Kooning, tampouco virou NFT...



Outra atitude “radical” de destruição aconteceu ou aconteceria com a obra de Banksy, “*Menina com balão*”, quando no leilão na Sotheby’s, em 2017, ao bater do martelo a obra começa a se deslocar e ser fragmentada para incredulidade do público. A casa leiloeira deu a opção para o comprador desistir, mas ele manteve a compra e a adquiriu assim mesmo.



Banksy havia instalado uma fragmentadora na moldura destinada a “autodestruir” a obra. Contudo o processo parou e a deixou apenas semidestruída e a manteve no mercado.

Portanto, destruir ou se apropriar de algo não é necessariamente um crime. Se constituirá crime se o bem em causa for de propriedade de alguém, uma instituição ou patrimônio cultural, aí sim, incorre-se num ato passível de punição. Aqui posso dizer que as questões Aiweiweianas, por exemplo, são de caráter iconoclasta e conceitual e não legal, portanto, admissíveis no contexto das manifestações da Arte contemporânea. Bem, de volta à queima do Picasso. A peça “*Fumeur V*”, é parte de uma série de gravuras em água tinta, inclusive, a de número 50, pertence ao acervo do MoMA em NY, mas existem outras por aí.

A gravura é um processo que ainda hoje tem seu lugar na Arte Contemporânea. Como estratégia de criação artística, implica na realização de uma matriz original da qual são reproduzidas quantas cópias o artista definir, isto reduz tanto o custo da produção quanto aumenta sua distribuição e disponibilidade no circuito de Arte. Por isto, as gravuras obtêm valores menores no mercado do que obras unitárias. Agora uma questão legal: o poder de dispor sobre um objeto de Arte é de quem o possui legalmente. Normalmente a entrada no mercado de uma obra se dá por meio do mercado primário.

Se chama mercado primário o que inaugura a entrada de uma obra no circuito seja pela venda direta de quem produz ao comprador ou de uma galeria que representa o produtor junto ao mercado. A partir daí quem adquire uma obra tem a propriedade legal dela e dela dispõe ao seu bel prazer podendo, inclusive, destruí-la se assim o quiser, sem qualquer admoestação por quem quer que seja. Isto foi o que ocorreu em 2017, num acontecimento amplamente difundido pela mídia quando a proprietária de uma das obras de Romero Britto a destrói diante dele em sua galeria em Miami. Neste caso foi um desabafo e não performance.

De qualquer modo, não há crime no fato de quem possui uma Obra de Arte querer destruí-la por qualquer motivo que seja. No caso do Picasso, em especial, a destruição não é a questão principal, mas sim a conversão de uma Obra de Arte física em NFT. Esta foi a primeira vez que se eliminou propositalmente uma Obra de Arte física convertendo-a em criptografia com o fim de mantê-la no circuito sem que fosse uma cópia ou reprodução como são as fotografias e demais reproduções analógicas ou virtuais. Isto é novidade e por isto sujeito a todo tipo de julgamentos, conservadores quanto inovadores.



À esquerda, “*Fumeur V*”, aguatinta, 1964, cópia em papel assinada a lápis, numerada 42/50 por Picasso. Para conforto dos fãs há ainda 64 delas circulando: as 50 da edição e mais 15 provas de Artista. Esta foi leiloadada pela Christie’s em abril de 2021 e arrematada por cerca de 20 mil dólares, valor equivalente a mais de 110 mil reais na cotação atual e queimada em 15 de julho de 2021. Neste caso o coletivo perdeu este valor, contudo é provável que obtenha muito mais do que isto vendendo o NFT da obra que pode ser apenas uma ou uma série. Observe a imagem original acima e à esquerda e no centro e à direita o que restou da queima, parece que vai ser entregue para quem arrematar a venda ou se tornar outra Cripto Art.

Isto se trata de “negócio” e não de Arte. Desde 2014 quando a *Monegraph* lança o primeiro projeto para registrar arte no blockchain Bitcoin, já se passaram alguns anos e vários artistas, coletivos e instituições criativas se interessaram pelo sistema e se cadastraram nele. Entre os artistas pode-se destacar Sarah Meyohas e Kevin Abosch e grupos como Crypto Punke, DADA.nyc, Cryptokitties entre outros. Em maio de 2021, a Sotheby's realizou seu primeiro leilão em NFTs, várias obras foram vendidas em Bitcoin (BTC) e Ether (ETH) por meio da parceria da Sotheby's com a Coinbase Commerce.

Pelo que se vê, parece que as NFTs e Cripto Art entraram à toda no mercado e talvez para ficar. De um modo ou de outro, não se pode ignorar que este é um fenômeno novo no contexto da Arte contemporânea, por isto demanda desconfiança. Entendo que o que aconteceu com a criação das Cripto Moedas esteja acontecendo agora com a Cripto Art: primeiro a desconfiança, depois a aceitação. Este é o mundo que está surgindo para o futuro. Por um lado é imprevisível, por outro está aberto na novas possibilidades e potenciais criativos e tecnológicos. Não se sabe o que virá, mas que virá, virá...

Independente do ato de queimar uma Obra de Arte como o que aconteceu como a gravura de Picasso, é possível que a conversão de obras em NFTs se torne uma conduta recorrente nos próximos anos, especialmente quando determinadas obras esgotarem sua possibilidade de conservação e preservação, deste modo, passariam a existir virtualmente, apenas com suas “auras” e ao contrário do que previu Walter Benjamin, ao invés de perde-las ganhariam alma eterna ou enquanto duraram os NFTs... Este é o que o século XXI anuncia, um novo modo de existência para a Arte, espero que o “*Second Life*”, seja só um jogo...

Bem, acredito que a proposta desta Reflexão: do Picasso incinerado à NFT, tenha ajudado a pensar um pouco mais à respeito dos caminhos e tendências contemporâneas na Arte Visual.

É necessário entender que se vive um período de transição, ou seja, um momento em que as transformações estéticas, conceituais e propositivas estão em franco desenvolvimento e não há como prever ou avaliar o que virá, mas isto só reforça o que sempre digo: ***Em Arte nada se perde: tudo se cria e tudo se transforma***”.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Multimídia e/ou Tutoriais:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimedia/audiovisuais>